

Rotas Limianas II

Seis da manhã. O toque da alvorada.

A noite, escassa, passou num fechar e abrir de olhos. Estes, fecharam-se já madrugada dentro. A matinal hora da alvorada assim o exigiu. Todo o material teve de ser preparado de véspera, para que nada fosse esquecido.

Neste ano de seca, a certeza de um dia límpido era dado adquirido. A temperatura era a única incógnita. E na verdade, a manhã estava fria. Mas nada disso esmoreceu a enorme vontade de rumar a Ponte de Lima, e os sentimentos menos agradáveis provocados por uma noite pouco dormida dissiparam-se com o mesmo fulgor dos primeiros raios de sol que, em cor de fogo, intensamente emergiam por trás da Serra do Caramulo. Lá bem no alto, nos mesmo alaranjados tons, o rasto de um avião, transformado em pequeno ponto de brilho metálico, fendia os céus. Prenúncios do belo e solarengo dia que aí vinha.

À hora marcada, a brigada Arfadora estava no local combinado, pronta a partir.

Pela A1, rumo ao Norte, deixamos a província da Beira Litoral, passamos pela do Douro, também Litoral e, depois de ultrapassado o Rio Ave, com o seu vale coberto por densa neblina, que o frio ar matinal não deixava ascender a mais altas atmosferas e que, por esse tão peculiar facto meteorológico, se acumulava nas depressões do estreito vale do rio, entramos na bela e verdejante província do Minho.

A mudança, bem nítida, não só pelo geologia, agora granítica, pois a serra da Agrela, poucos quilómetros atrás, era de xisto, xisto ftanítico, que, dizem os geólogos, são petróleos abortados, e podem bem ser observados por quem decidir subir ao Monte de S. Gens de Cidai, ali, bem perto da Trofa, como também pelos cheiros, pois a vegetação exuberante que cresce nos ricos solos formados pela erosão dos grandes batólitos graníticos não tem rival, quando comparada com a escassa e raquítica vegetação que tenazmente teima em se fixar nos pobres solos xistosos, bons para vinha, mas para pouco mais!...

E assim, com os inebriantes odores do Minho a penetrarem intensamente nas nossas narinas, percorremos os quilómetros e atravessamos as povoações que ainda nos separavam do nosso destino.

Nas proximidades de Braga, em cima do espantoso viaduto da auto-estrada, pudemos observar o belo e enorme vale do Rio Este, também, a espaços, coberto por extenso manto de alva neblina.

Ao longe, a Norte, era já possível observar as altas serranias, resultado dos poderosos movimentos telúricos da orogenia Hercínica, que haveríamos de vencer à custa de árduo esforço. O ar aquecido pelos primeiros raios de sol ascendia em ondulantes espirais pelas faldas da serra, porém, o ar frio de altitude provocava rápida condensação e transformava essas massas de ar em densa nuvem que tocava os cumes mais elevados.

Com a aproximação, imponentes cumes, dominadores, ostentavam, altivos, toda a sua sobrançeria, inculcando temores aos menos preparados e, aos mais, ânimos pujantes de força desafiadora, que, em breve, haveria de ser medida.

Arrebatados por esta catadupa de sensações, eis que, por fim, surge a indicação da povoação de Anais, sinal para deixar a auto-estrada e seguir a direcção de Ponte de Lima.

Seguindo por sinuosa estrada, assim traçada porque, ao tempo em que foi construída, sendo o cultivo das terras e o apascentamento de animais fonte de sustento e de parques rendimentos, havia que preservar os férteis solos agrícolas, e não havendo outra alternativa, rasgavam-se encostas, bordejavam-se vales, cruzavam-se rios a montante, nas zonas mais estreitas, e, dessa forma, preservava-se a fonte de sustento, o património natural e paisagístico e o gosto de viver em secular harmonia com o meio envolvente.

Hoje, os tempos são outros. Em nome do chamado progresso, da sacrossanta economia que a todos exige redução de custos, rasgam-se a oito novas vias, pelo trajecto mais curto, não importando o que se destrói, o que se sepulta, o que se apaga da memória e o que se impede as gerações futuras de usufruir.

De repente, na abertura de uma curva, uma gigantesca bola de golfe suportada por esguio pináculo metálico. Sim, tínhamos finalmente arriado ao local de encontro.

Fantástico, o local. O Hotel do Golfe e demais equipamentos desenvolviam-se, em socalcos, encosta acima, encosta abaixo. Envolta em verde bem cuidado, a aprazível infra-estrutura foi perturbada no seu recato por centenas de aficionados das radicais duas rodas.

A hora da partida estava marcada para as 9:30 horas. Pelo espectáculo com que, à chegada, nos deparamos, ficou a sensação que todos tinham madrugado, tanto os que tinham pernoitado no hotel, como os que tinham vindo de longe, no próprio dia.

As máquinas eram amorosamente retiradas das viaturas, ultimados os derradeiros preparos. A pequena rua, aos poucos, foi transformada em palete multicolor. Naquela massa ondulante

e colorida perscrutavam-se rostos conhecidos de outras andanças, estendiam-se mãos, distribuía-se cumprimentos, soltavam-se cordiais sorrisos. O momento era de incontida satisfação.

No meio da azáfama, subitamente, poderosa voz fez-se ouvir. Num movimento uniforme, e num repente, todas as cabeças se viraram para a origem da fonte sonora. Não, não era uma aparição, apesar da similitude, mas sim o nosso anfitrião e organizador do evento que, à falta de melhor púlpito, estava empoleirado num enorme vaso e, abraçado à oliveira nele contida, apelava à atenção dos presentes.

Em improvisado mas conciso discurso, respondendo às bocas que, inevitavelmente, nestas ocasiões sempre se fazem ouvir, lá foi, animadamente, debitando as regras e a descrição do percurso.

E ala que se faz tarde. Não sem antes nos dispormos fotogenicamente para a foto de grupo, tirada junto ao *green* bem cuidado de um dos buracos do campo de golfe. À falta de adequado palanque, o grupo lá se foi dispondo pelo talude que marginava o *green*, distribuindo-se da forma que cada um entendia ser a mais adequada para garantir posição de destaque, ou não fosse o fotógrafo o director da revista da especialidade.

Saindo do campo de golfe, e ainda por estrada de alcatrão, tomamos a direcção da freguesia de Rebordões. Alguns quilómetros de aquecimento foram percorridos pelo alcatrão, mas o que aquela horda queria mesmo era terra, e em fingida insatisfação e divertidas piadas, disso repetidamente deu conhecimento ao Vasco, o organizador e guia do grupo. Perfeito conhecedor destes ambientes e muitos quilómetros feitos nestas andanças, esboçava breve sorriso e lá continuava, indiferente, na sua missão de nos guiar pelas terras Limianas.

Em Rebordões, após uma pequena paragem para re-agrupamento e informações finais, iniciamos a primeira subida do dia.

No piso de terra batida do sinuoso caminho que se alongava encosta acima em serpenteante abraço ao Monte da Senra, as pedras, em insistentes afloramentos, teimavam em nos dificultar a ascensão. Ora soltas, a provocar deslize das rodas, só a muito esforço contidas e dominadas, ora bem firmes e pregadas ao chão, a provocar dolorosa pancada nos já doloridos braços e nos inflexíveis dedos, hirtos do retesado esforço de travar e de manter condução segura.

Os rostos esforçados, a respiração arfante, as vozes que se perdiam em sofrido lamúrio, indicavam bem o esforço despendido. Após pequena pausa, e com recobrados ânimos, por trilho agora mais largo e menos dificultoso, propício à retoma das amenas e costumadas cavaqueiras, retomamos a actividade em suave mas vigorosa pedalada.

A meia encosta, em solitária quietude, propiciando adequado ambiente à meditação e expiação de culpas, estava plantada a capela de N. Sr.^a da Conceição. E pela devoção, foram os pilares laterais da granítica e espartana fachada ornados de piramidais alcantis, porque, entende o Homem, à Senhora não basta a oração, há que bem ornar a Sua casa em demonstração de fé sentida.

Aproveitando a pausa da nova espera, e fazendo-se já sentir o cansaço em alguns dos passeantes, bem manifesto nos rostos rosados e olhar distante, o guia, consciente do que ainda estava para vir, lançou assisado alerta, lembrando que quem não se sentisse em condições poderia sempre optar pelo grupo de andamento mais contido que vinha atrás. Alguns assim optaram, os outros retomaram a circular da Nora, agora a descer. Os parques quilómetros foram vencidos em poucos minutos, mas deu para ver o gáudio dos mais afoitos e com mais apetência para as pendentes de sentido descendente.

Virada a Norte, a vertente da Serra da Nora era, agora, mais despida. A vegetação arbustiva, de pequeno porte, irrompia por entre os maciços rochosos, omnipresentes em toda a extensão visível. As árvores de grande porte tinham ficado mais para baixo. As que ainda se faziam notar, de quando em onde e de pequeno porte, não escondiam as cicatrizes de fogo que por lá lavrou. Estoicamente, teimavam em resistir às forças adversas dos elementos.

Imbuídos do seu exemplo, com a mesma firmeza e determinação, atacamos a grande subida que nos haveria de levar até ao posto de vigia, aquela construção branca que encimava o grande monte, visível de longa distância, e que, à sua visão, incutia sentimento de forte rejeição: "- Não, não vamos subir aquilo!" Mas subimos. E que deslumbramento!

O grande Lima, era, visto dali, uma pequena linha retorcida que se desenvolvia pelo largo vale. Do outro lado, a imponente Serra d' Arga, terra de queijo e de ferosos garranos, que, em liberdade, e desde tempos imemoriais, se multiplicam e passeiam pelas vastas extensões, que, não sendo selvagens, mantêm ainda alguns resquícios. A poente, do lado de onde o sol se põe, repousava Viana do Castelo, a bela princesa do Minho, banhada pelas lânguidas águas do Lima, que, aqui, para demorada contemplação, tarda em se fazer ao Atlântico.

E de ânimo retemperado perante tão deslumbrante paisagem, iniciamos a descida que nos haveria de levar ao Vale da Boalhosa, para a última subida do dia. O trilho, que entroncava na estrada nacional Braga – Ponte de Lima, desenvolvia-se em ligeiro mas longo declive pelo lado esquerdo do vale.

Na quietação dos socalcos, construídos por mãos laboriosas ao longo dos séculos para retenção dos solos, repousava bucolicamente pequeno moinho, que recorria, ainda, à força

motriz das apressadas águas captadas a montante no pequeno riacho que corria indolente, encosta abaixo, nas poucas águas que este seco Inverno recusa engrossar.

As íngremes encostas da Serra miram, resignadas, a escassez das águas, mas nada podem fazer, pois já esgotaram as reservas acumuladas em anos de mais fartura. Já não conseguem, sequer, manter a exuberância do verde de outros tempos. O amarelo ressequido já se faz ver de quando em onde. Os imensos rochedos afloram com vigor renovado, quais ossos protuberantes em corpo mirrado.

Nesta desolação, na margem do riacho plantados, os centenários carvalhos, despídos de folhas, que, no chão, ressequidas, se acumulam desde o último Outono, olham, impotentes, a míngua que a todos afecta. E porque nos é permitido fabular, acreditamos que na sua sabedoria de séculos, bem patentes na grossura do seu troco, a todos aconselha paciência, porque melhores tempos virão e a água, farta, não se fará tardar.

Enleados com a sua majestática imagem, nos fomos, percorrendo, em tranquila harmonia, os escassos quilómetros que ainda nos separavam do final.

João Ribeiro

Aveiro, 20 de Fevereiro de 2005